

UMA BREVE ANÁLISE DIDÁTICA DOS MÉ- TODOS CIENTÍFICOS POSITIVISMO, MA- TERIALISMO HISTÓRICO E FENOMENOLOGIA

Paulo Emilio de Assis Santana*

RESUMO: O presente artigo constitui-se de um quadro analítico em forma de texto sobre três abordagens metodológicas voltadas para a prática da pesquisa científica em ambiente acadêmico: o positivismo, o materialismo dialético e a fenomenologia. O trabalho foi feito abordando de maneira sucinta as questões relativas aos objetivos da ciência, à concepção de método e aos procedimentos correspondentes aos métodos citados. Para isso foram utilizados textos específicos relacionados a cada um dos métodos. Ao final do presente texto, o autor demonstra como que o mesmo pode ser utilizado na prática pedagógica universitária nas disciplinas voltadas à pesquisa nas várias áreas do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência; Método; Procedimento.

A BRIEF DIDATICS ANALYZES OF THE SCIENTIFIC METHODS POSITIVISM, HISTORICAL MATERIALISM AND PHENOMENOLOGY

ABSTRACT: The present article consists of an analytical text about three methodological approaches aimed to the practice of the scientific research in academic environment: the positivism, the dialectic materialism and phenomenology. The work was made approaching briefly the questions relating to the science objectives, to the conception of method and to the corresponding procedures to the

* Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual de Londrina – UEL; E-mail: ppauloemilio@hotmail.com

cited methods. For this, specific texts related to each method were used. By the end of the present text, the author demonstrates how it can be used in the pedagogical practice at the universities in the subjects aimed to the research in the several areas of knowledge.

KEYWORDS: Science; Method; Procedure.

INTRODUÇÃO

A questão da pesquisa em educação no mundo atual constitui um constante imperativo não apenas para todos aqueles que estão envolvidos na compreensão das questões problematizadoras que os incomodam, mas também para quem deseje, de maneira efetiva interferir na realidade histórica e social através da pesquisa. Entretanto, para que a pesquisa, como excelência do processo educativo, seja viabilizada de maneira científica, faz-se necessário o estabelecimento ou definição da questão que incomoda o pesquisador e por esse motivo precisa ser pesquisada. Dessa forma, ter um problema concreto a ser resolvido ou não através da pesquisa já é uma grande solução para o pesquisador. Sem algo que incomode o pesquisador, seu trabalho não tem sentido, e por isso não pode ser iniciado.

Assim, o início da atividade científica começa com um princípio problemático necessário a ela. Diríamos até que este se torna o “oxigênio” da pesquisa, já que é ele que vai nortear a metodologia e os procedimentos metodológicos a serem efetivados ao longo da pesquisa.

Partindo deste pressuposto introdutório, o presente artigo procura estabelecer um caráter distintivo dos principais métodos utilizados na pesquisa educacional na atualidade e identificar até que ponto estes atuam fundados em suas premissas epistemológicas. Em cada método estudado procurou-se descobrir a definição de ciência que eles oferecem, a concepção de método apresentada por eles e os procedimentos específicos deles resultantes. Portanto, para efeitos de didática procuramos apresentar o texto a partir de tópicos específicos e objetivos, visando à apreensão das idéias de maneira mais efetiva e produtiva para a prática acadêmica.

Esse exercício científico foi essencial não apenas no sentido de estabelecer as diferenças essenciais entre os métodos trabalhados, mas também para uma definição pessoal do autor deste artigo quanto à corrente metodológica a ser por ele abraçada. Vale a pena ressaltar, contudo, que isso não se fará de maneira dogmática ou religiosa, pelo

contrário, conforme cabe ao sentido radical da metodologia dialética, será feito em diálogo com os opostos para que se crie sempre uma nova síntese de caráter firme, porém temporário.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CORRENTE METODOLÓGICA DO POSITIVISMO

2.1.1 Objetivo da ciência

O objetivo central do positivismo sempre será o de descobrir as leis que regem o fenômeno. Conforme Dionne e Laville (1999, p. 28) “o conhecimento dessas leis permitiria prever os comportamentos sociais e geri-los cientificamente”. Cabe à ciência descrever os fatos na ordem em que eles se dão. Andery entende, ao interpretar o pensamento de Comte, que a observação dos fatos traria uma compreensão correta e ampla da realidade. Em sua concepção o pensamento positivista seria o mais sistemático possível na medida em que o mesmo revelasse a origem e a finalidade dos fenômenos e isso através da observação contínua (ANDERY, 2001).

2.1.2 Concepção de método

Ao adotar o método das ciências naturais como a forma de enxergar a realidade, os teóricos positivistas entendiam haver uma relação clara e evidente entre as ciências da sociedade e as ciências da natureza. Formavam um único método que poderia ser aplicado a ambas as ciências. Conforme Superti, os positivistas entendiam que “há leis tão determinadas para o desenvolvimento da espécie humana como há para uma queda de uma pedra” (SUPERTI, 1998 apud FERREIRA, 2001, p. 36).

Partindo desse pensamento, o método positivista está fundado em uma tríade clássica, baseada na observação, experimentação e mensuração, que são os fundamentos do positivismo como método científico em sua forma experimental (DIONNE; LAVILLE, 1999, p. 23).

2.1.3 Concepção de procedimento

Para estabelecer a unidade científica do positivismo em sua comparação com as ciências da natureza, Comte deixa claro o fato de que os procedimentos da filosofia positivista podem ser aplicados “a todos os ramos

do conhecimento” (ANDERY, 2000, p. 387). Dessa forma, objetivo, método e procedimento estão interligados, formando um só aspecto da ciência positivista. O alvo, o proceder e o *como-fazer* positivistas estão imiscuídos, devendo formar um todo unificado. Por isso

Pode-se entender como unidade do método a aplicação de procedimentos que levem à descoberta e descrição das leis que regem os fenômenos, a partir dos fatos e do raciocínio que permitem relacioná-los segundo essas leis, a fim de alcançar um conhecimento positivo que, como já foi dito, deve ser: real, útil, certo, preciso, que busca organizar e não destruir e que é relativo. (ANDERY, 2000, p. 387).

O próprio Comte, ao defender a unidade do método positivista, demonstrou ser evidente ter que reduzir a meta filosófica da ciência a uma única abordagem, para que houvesse homogeneidade quanto à doutrina positivista. Diz ele:

Tendendo a diminuir o mais possível, o número das leis gerais necessárias para a explicação positiva dos fenômenos naturais, o que é, com efeito, a meta filosófica da ciência, consideraremos, entretanto, como temerário aspirar um dia, ainda que para um futuro afastado, a reduzi-los rigorosamente a uma só (COMTE, 1978 apud ANDERY, 2000, p. 387).

Entendemos, portanto, que no processo empirista dos procedimentos metodológicos positivistas, a objetividade metodológica (como forma de atribuir neutralidade axiológica ao pesquisador), a experimentação (estratégia sistemática e rigorosa como forma de se distinguir como ciência) e o consciente distanciamento do objeto a ser estudado é que conduzirão o pesquisador às leis específicas sobre determinado fato social.

2.2 CORRENTE METODOLÓGICA DO MATERIALISMO DIALÉTICO

2.2.1 Objetivo da ciência

Em essência, o objetivo do materialismo histórico está associado ao fato de compreender a realidade com o fim de transformá-la. É uma ciência

de transformação de classe vinculada especificamente à classe proletária. O propósito final do materialismo dialético é transformar a realidade através da interferência tanto da pesquisa quanto do pesquisador nesta.

2.2.2 Concepção de método

A concepção histórica do método dialético que fundamenta o materialismo histórico concebido por Marx tem seu construto a partir das idéias filosóficas de Hegel. Ao apropriar-se do conhecimento dialético hegeliano, Marx o faz com o propósito de materializá-lo nas relações sociais travadas entre as duas classes revolucionárias mais preeminentes na Europa do século XIX. Andery (2000, p. 410) assinala que, para o primeiro, Hegel, “a contradição se dá primordialmente no pensamento, ao passo que em Marx ela existe no pensamento, constitui sua lógica, porque aí se reflete o real; portanto a contradição existe antes, primeiro, como parte do real.”.

É nesse sentido que o método do materialismo histórico está vinculado a uma visão de mundo que busca intervir na realidade em favor da classe proletária. A visão de mundo em si precede o método; ou seja, enquanto as consciências não estiverem libertas das garras da ideologia da classe dominante, o método dialético não deve ser instaurado. É por isso que,

Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. A questão da postura, nesse sentido antecede ao método. Este constitui-se numa espécie de mediação no processo de aprender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais. (FRIGOTTO, 2004, p. 77).

Vista, portanto, como a maneira pela qual o real é apreendido, a dialética possui o caráter de fazer a mediação do real, para que este seja transformado. É nesse sentido que Marx cria a luta de classes como o “motor da história”, pois era a partir do conflito entre opostos que se chegaria à síntese, transformando-se esta em uma nova tese, e assim sucessivamente.

2.2.3 Concepção de procedimento

O procedimento metodológico a ser efetivado pelo processo de investigação do materialismo dialético acontece no momento em que

a matéria é recolhida em meio às relações de produção, para, a partir desse ponto, ordená-la e especificá-la dentro da lógica dialética.

Conforme Frigotto (2004, p. 80),

é na investigação que o pesquisador tem de recolher a “matéria” em suas múltiplas dimensões; apreender o específico, o singular a parte e seus liames imediatos ou mediatos com a totalidade mais ampla; as contradições, em suma, as leis fundamentais que estruturam o fenômeno pesquisado.

Para que esse procedimento seja eficaz em seu sentido mais científico na perspectiva do materialismo histórico enquanto método científico, o conhecimento produzido a partir da práxis dialética apenas cumprirá o seu propósito final na medida em que transforme de maneira significativa a realidade concreta e histórica. (FRIGOTTO, 2004, p. 81).

É por isso que o conhecimento científico, uma vez apreendido, tem uma função essencialmente política no processo de transformação da sociedade. É através dele que o pesquisador tomará partido ao lado daqueles que são os mais explorados no sistema capitalista. Constitui-se assim, o método dialético, em uma ferramenta essencial de transformação do real.

Para fazer jus à crítica marxista ao pensamento filosófico hegeliano, Frigotto (2004, p. 78) deixa claro que o real é o concreto, e não o pensado; e que o conhecimento do real é o concreto pensado. Assim, para que o concreto (o real) seja pensado, faz-se necessário que o pesquisador esteja ciente, e ao mesmo tempo liberto, das concepções ideológicas que cercam a totalidade a ser pesquisada e a sua própria pessoa como pesquisador. Nesse momento o pesquisador está pronto para travar uma relação de interpretação da realidade, seguida de várias idas e vindas sobre a problemática a ser pesquisada.

Segundo Frigotto (2004, p. 87), o procedimento prático-metodológico do método dialético não é uma tarefa de fácil feitura, já que exige sucessivas rupturas, simbolizadas através de “aproximações sucessivas da verdade que, por ser histórica, sempre é relativa”. Esse mesmo autor, ao formular a sua conclusão sobre os procedimentos metodológicos estabelecidos pelo materialismo dialético, apresenta cinco momentos fundamentais necessários àqueles que desejem utilizar-se dos procedimentos metodológicos do processo dialético na área da pesquisa educacional. São os seguintes:

- a) Quando se inicia uma pesquisa, o pesquisador tem em mãos não um problema específico, mas sim, uma problemática, ou seja,

uma situação que precisa ser investigada. Isso se torna importante pelo fato de o pesquisador já ter algum conhecimento prévio da situação. As condições já existentes fazem com que o pesquisador não chegue intelectualmente vazio em relação à problemática a ser estudada. (FRIGOTTO, 2004, p. 87).

b) No trabalho de pesquisa efetivado pelo pesquisador, este terá como esforço primário fazer um resgate crítico da produção científica já efetivada sobre a problemática escolhida para estudo. O pesquisador terá, portanto, o controle da pesquisa, estruturando as questões e a análise tanto dos fatos quanto dos documentos. O alvo desse momento é fazer um inventário teórico orientado em direção aos propósitos estabelecidos anteriormente pelo pesquisador, para posteriormente este serem criticados conforme os propósitos do trabalho (FRIGOTTO, 2004, p. 88). Poderíamos denominar esse segundo momento da pesquisa como *coleta de material para análise*, período este muito especial para a fundamentação teórica da mesma.

c) Na medida em que tenha sido feito o levantamento seletivo das teorias estudadas, cabe ao pesquisador definir os métodos utilizados para a organização, análise e interpretação desse material. É o momento de criticar e discutir com os teóricos apresentados no início da pesquisa. Desse movimento investigativo surgem novas derivações sobre a problemática em questão (FRIGOTTO, 2004, p. 88).

d) No processo de análise dos dados pelo pesquisador surgirão as conexões, mediações e contradições dos fatos que constituem a problemática pesquisada. Neste momento será superada aquela percepção imediata e primeira sobre a problemática da pesquisa (FRIGOTTO, 2004, p. 88). Fará o pesquisador as múltiplas relações entre a parte estudada e a totalidade (a realidade social). É na análise que acontece o processo interacional das partes com o todo para que este seja criado e recriado a partir das suas inter-relações.

e) Por último, caberá ao pesquisador estabelecer a síntese da investigação como resultado da elaboração efetivada durante o seu processo de pesquisa. Esta síntese consistirá nas exposições orgânicas, coerentes, concisas das “múltiplas determinações” (FRIGOTTO, 2004, p. 89), que explicam a problemática investigada.

2.3 CORRENTE METODOLÓGICA DA FENOMENOLOGIA

2.3.1 Objetivo da ciência

O objetivo central da fenomenologia é compreender o fenômeno. Compreendê-lo para dizer como funciona, e não para explicar seus motivos últimos e políticos. O alvo, portanto, é compreender o mundo do fenômeno por inteiro, ou seja, como ele aparece para o pesquisador nas suas múltiplas formas. A ciência, para a fenomenologia, é um processo de pesquisa que se inicia com uma interrogação e tem uma metodologia específica para ser investigado.

2.3.2 Concepção de método

Essencialmente, o método fenomenológico é uma abertura do ser humano que deseja entender determinado fenômeno como este se mostra. Precisa partir de uma atitude de abertura e destituído de preconceitos ou pré-definições.

Aprender a interpretar o fenômeno vivido, e não apenas fazer uma descrição passiva, faz parte da metodologia fenomenológica. Ao apresentar o aspecto interpretativo do método da fenomenologia, Masini (2004, p. 63) afirma:

A Pesquisa Fenomenológica, portanto, parte da compreensão de nosso viver – não de definições e conceitos – da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, ou ao encontrarmos no outro interpretações, ou compreensões diferentes surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão.

O método é a trajetória que será percorrida pelo pesquisador a partir das interrogações feitas ao fenômeno, fazendo com que haja “um envolvimento pessoal do pesquisador no mundo-vida dos sujeitos da pesquisa” (FINI, 1997, p. 29).

2.3.3 Concepção de procedimento

A pesquisa fenomenológica possui alguns aspectos procedimentais que nos ajudarão a entender as etapas de execução do trabalho científico

na perspectiva fenomenológica. Dessa forma, apresentamos a seguir os procedimentos estabelecidos por Masini (2004).

O primeiro momento é chamado de “pré-reflexivo, ou seja, existe então alguma coisa sobre a qual o pesquisador tem dúvidas; algo que ele quer conhecer, mas que ainda não está bem explicitado para ele” (MASINI, 2004, p. 27). As interrogações que serão feitas pelo pesquisador determinarão a trajetória a ser seguida por ele.

O segundo momento é chamado de *epoche* pelos estudiosos do método em questão. É o momento antes de praticar a pesquisa, no qual o pesquisador suspende as suas concepções conceituais sobre o fenômeno, esvaziando-se dos preconceitos particulares e inerentes ao ser humano. Conforme Masini (2004, p. 27), é um momento da pesquisa que

Significa redução, suspensão ou retirada de toda qualquer crença, teorias ou explicações existentes sobre o fenômeno. Abandonar ou deixar de lado por enquanto os pressupostos ou pré-conceitos estabelecidos a priori a fim de permitir o encontro do pesquisador com o fenômeno.

O terceiro passo da pesquisa fenomenológica é estabelecer uma *região de inquérito*, para que a partir desta se chegue aos dados necessários para compreender a experiência vivida pelos sujeitos.

Destarte, o procedimento metodológico da fenomenologia enquanto estratégia de abordagem científica prioriza as várias maneiras de destacar um determinado fenômeno, pois será através dos vários ângulos a partir dos quais os sujeitos vêem o objeto que este será esgotado em seu conhecimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta rápida abordagem conceitual sobre os principais métodos da pesquisa em educação, gostaríamos de deixar algumas sugestões práticas para futuros encaminhamentos metodológicos, ou seja, como esse texto de indicações de conceitos pode ser utilizado na prática pedagógica.

A primeira indicação de trabalho para o desdobramento efetivo deste artigo estaria no fato de que alunos dos mais diversos cursos poderiam obter uma definição clara e específica sobre cada método científico nele esposado. Ainda que de modo sucinto, cremos que a presente exposição das caracterizações epistemológicas de cada método pode contribuir

para o entendimento dos princípios fundamentais de cada um deles. Cremos ser fundamental para os estudantes preocupados com a busca de estratégias metodológicas compreender em termos definidores qual o método que deve ser utilizado por eles em suas pesquisas.

A segunda utilização deste trabalho pode ter um cunho filosófico por excelência. Queremos dizer que descobrir qual a filosofia que está por trás do método pode ser uma estratégia didática para o ensino da metodologia da pesquisa. Pode-se perceber, através da bibliografia de referência utilizada para a construção do texto, o ponto de partida filosófico de cada método e discutir como este interfere na prática da pesquisa. Afirmamos isto em virtude de entendermos que a filosofia educacional adotada pelo pesquisador deve preceder a escolha do método de pesquisa a ser adotado.

Apesar de sabermos que em determinadas pesquisas não é o pesquisador que escolhe o método, mas sim, é o método que escolhe o pesquisador, é a filosofia do pesquisador que mesmo assim norteará a pesquisa. Mesmo na experiência do *epoche* fenomenológico, a filosofia daquele que pesquisa será utilizada a seu favor na condução dos encaminhamentos procedimentais necessários ao sucesso da pesquisa.

Por último, este conciso artigo pode ser utilizado como ponto de partida para um maior aprofundamento das questões levantadas aqui, porquanto não tivemos a pretensão de discutir o assunto de maneira exaustiva. Para os interessados no estudo da pesquisa em educação, o presente trabalho não pode ser encarado como conclusivo, mas sim, como algo que oferece dicas para a continuidade do trabalho científico.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. P. A. Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete: Augusto Comte. (1789-1857). In: ANDERY, M. A. P. A. et al. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. 9. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Espaço Tempo; Educ, 2000. p. 373-393.

DIONNE, J.; LAVILLE, C. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

FERREIRA, Delson. **Manual de sociologia:** dos clássicos à sociedade da informação. São Paulo: Atlas, 2001.

FINI, M. I. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1997. p. 23-33.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica da pesquisa educacional In: FAZENDA, Ivani (org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 71-90.

MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 61-67.